

82.09:371.671

G 512 a

UNEMAT		
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT		
BIBLIOTECA REGIONAL		
TOMBO Nº	00.116.161	
DATA	19 / 10 / 2016	
CONTROLE:	9262, 8137	
() COMPRA	☒ DOAÇÃO	() PERMUTA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

ADRIANA MATUCARE CHAVE

OS (DES) CAMINHOS DA LEITURA POÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Pontes e Lacerda – MT

Agosto / 2016

ADRIANA MATUCARE CHAVE

OS (DES) CAMINHOS DA LEITURA POÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho Monográfico apresentado ao
Departamento de Letras – Campus de Pontes e
Lacerda – UNEMAT, como requisito para
aquisição do grau de licenciada em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dra, Marinei Almeida
Co-orientador: Prof. Dr. Epaminondas de Matos
Magalhães

Pontes e Lacerda – MT

Agosto/2016

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar saúde, entendimento, me fortalecendo a cada dificuldade obtida no decorrer do curso.

A meu esposo Geraldo e minha filha Aline pelo carinho, compreensão e incentivo.

A meu pai Fabiano que sempre me incentivou a estudar, mas que hoje está no céu ao lado de Deus.

A minha mãe Mônica e meus irmãos (as) Ana, vitória, Cátia, Margarida, Isaias, Israel e Marlene pelo afeto e me proporcionar alegrias nos momentos de desânimo.

A minhas amigas que sempre estiveram me estimulando a concluir o curso em especial Cristiane, Patrícia, Lucilei, Maria, Eliane e Marcilene que também estiveram comigo durante o curso e contribuíram com palavras nos momentos difíceis.

Aos professores no decorrer do curso, por terem participado pelo meu processo de aprendizagem.

Em especial aos professores, Epaminondas e Marinei pelo incentivo e aceitar compartilhar as ideias pelo objeto de pesquisa.



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECINIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA SEGUINTE
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Marinei Almeida Orientador(a)

Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães (Membro)

Profa. Ma. Sara Veloso Lara (Membro)

Pontes e Lacerda - MT

Agosto de 2016

Resumo

Este trabalho monográfico teve como objetivo observar e analisar o lugar da poesia no livro didático e as relações para a formação de leitores. Tivemos como objeto de pesquisa dois livros didáticos de Língua Portuguesa, *Ser Protagonista*, do autor Ricardo Barretos (2013) e *Novas Palavras* da Autora Emilia Amaral (2013), destinados aos alunos do ensino médio, para verificar como as atividades dos textos poéticos estão compostas nos livros. Recorremos a alguns teóricos, Aguiar (2007), Lajolo (1993), Zilberman (2008), Martins (2004), Franchetti (2009) que ressaltam sobre a literatura no livro didático e como a poesia está sendo trabalhada na sala de aula. Assim, buscamos levantar reflexões sobre a maneira que o ensino de literatura e a poesia se fazem presentes nos livros didáticos direcionados aos alunos do ensino médio, visto que o conhecimento que a leitura proporciona aos alunos/leitores visa a descobrir o mundo a sua volta e a si mesmo. Dessa forma, recortamos cinco poemas verificando como as atividades dos textos poéticos estão nos livros, *corpus* dessa pesquisa. Notamos que os autores dos livros didáticos geralmente usam os poemas para ensino da gramática normativa não priorizando o ensino da literatura. Ressaltamos que para diminuir a problemática do ensino dos textos literários nos livros didáticos dependerá da metodologia de ensino do professor na sala de aula.

Palavras chave: Literatura, Leitura, Poesia, Livro Didático.

Abstract

This monographic study aimed to observe and analyze the poetry of place in the textbook and the relationship to the formation of readers. We as a research subject two textbooks Portuguese, *be protagonist*, the author Richard Barretos (2013) and *New Words* Author Emilia Amaral (2013), intended for high school students, to see how the activities of the poetic texts are composed in books. We use some theorists, Aguiar (2007), Lajolo (1993), Zilberman (2008), Martins (2004), Franchetti (2009) who stress on literature in the textbook and how poetry is being worked on in the classroom. Thus, we seek to raise reflections on the way the teaching of literature and poetry are present in textbooks targeted to high school students, as the knowledge that reading provides students / readers seeks to discover the world around them and To yourself. Thus, we cut five poems at how the activities of the poetic texts are in the books, corpus of this research. We note that the authors of textbooks often use poems to normative grammar teaching not prioritizing literature teaching. We emphasize that to reduce the problem of teaching literary texts in textbooks depends on the teacher's teaching methods in the classroom.

Keywords: Literature, Reading, Poetry, Textbook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. A LITERATURA NA VIDA EDUCACIONAL DO ESTUDANTE.....	10
2. A LEITURA E O LEITOR.....	15
2.1 A literatura no livro didático: ensino e aprendizagem escola.....	17
3. A POESIA NO LIVRO DIDÁTICO.....	21
3.1. Análise dos textos poéticos nos livros didáticos.....	23
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

Introdução

O anseio de realizar este trabalho surgiu a partir de inquietações sobre a maneira que a literatura está sendo trabalhada na sala de aula através do livro didático, em específico, as atividades para o estudo de poemas, levando em conta a importância da literatura na formação de estudantes, pois o aluno/leitor ao entrar em contato com textos literários almeja uma leitura mais ampla, contribuindo para sua formação como sujeito crítico e reflexivo. É por meio da leitura que é possível formar novas opiniões, ampliar o repertório de informações sobre um determinado tema exposto, dentro ou fora da sala de aula.

Desse modo, abordamos na pesquisa assuntos referentes a aquisição das práticas de leituras dos poemas que os livros didáticos oferecem aos alunos do ensino médio e os problemas encontrados nos estudos da poesia, visto que ainda aparece com timidez esse estudo e o trabalho com o aspecto estético do texto poético fica em segundo plano, em detrimento ao uso do texto para nomenclaturas gramaticais. Selecionamos dois livros didáticos utilizados pelos alunos e professores nas aulas de Língua Portuguesa sendo; *Ser Protagonista* volume 3 do organizador Ricardo G. Barreto e *Novas palavras* volume 3 de Emilia Amaral, usados pelos alunos do ensino médio da escola Estadual 14 de Fevereiro do município de Pontes e Lacerda –MT. Periodicamente, a escola pública citada recebe livros didáticos pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, distribuídos pelo Ministério da Educação que após serem avaliados pela Secretaria de Educação Básica são escolhidos pelos professores na escola.

Ao observar os textos poéticos no livro didático, nossa intenção foi levantar reflexões sobre as atividades trazidas nos livros e verificar como os questionários são apresentados e trabalhados na sala de aula, pois levando em consideração que muitas vezes os textos literários são usados como um pretexto para o ensino da gramática normativa, e, geralmente estuda-se os processos históricos da literatura e apresentam obras fragmentadas. Para o percurso da pesquisa utilizamos alguns teóricos, Aguiar (2007), Martins (2004), Lajolo (1993), Zilberman (2008), Franchetti (2009) que discutem a problemática do estudo da poesia dentro da sala tendo como alvo principal o livro didático.

Desse modo, apresentamos o trabalho em três etapas, sendo: no primeiro capítulo discutiremos sobre a importância da literatura na vida educacional do aluno e os benefícios que ela traz para a formação intelectual do estudante. No segundo capítulo, pontuamos sobre o ensino e aprendizagem da literatura no livro didático, abordando sobre a maneira que os

conteúdos literários são impostos nos livros didáticos e como o professor é importante nas mediações das práticas de leituras do seu alunado. No terceiro capítulo, discorreremos sobre a poesia no espaço escolar e analisamos questionários de cada livro didático usado na sala de aula pelos alunos do ensino médio, verificando como os autores dos livros expõem as atividades dos textos poéticos aos estudantes.

CAPÍTULO I

1. A LITERATURA NA VIDA EDUCACIONAL DO ESTUDANTE

Neste capítulo, pontuaremos a importância da literatura na vida social e intelectual do aluno dentro do espaço da escola, precisamente, no ensino médio. Faz-se necessário lembrar que é a partir do ensino fundamental que o aluno tem os primeiros contatos com a literatura infantil na sala de aula. A literatura destinada ao público infantil colabora com o desenvolvimento intelectual de crianças e jovens. Ao ler textos literários, os estudantes formam suas próprias ideias, são capazes de comentar, questionar, duvidar e construir um imaginário que colabora para a formação da sua identidade cultural e compreensão do ambiente em que vive.

A leitura literária infantil tem uma tarefa eficaz na formação de novas mentalidades. Conforme ressalta Nelly Coelho (2000), a literatura tem um papel importante a desempenhar nesta sociedade em transformação, a de servir como agente de formação, principalmente, quando o leitor entra em contato naturalmente com o livro, ou, textos estimulados pela escola. “É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” Coelho (2000, P.14). Desse modo, pode-se dizer que qualquer indivíduo, ao ingressar no mundo das letras, objetiva produzir novos conhecimentos por meios da linguagem escrita e tem oportunidade de enriquecer experiências da vida.

Segundo Aguiar (2007), toda leitura é importante, tanto de textos informativos, quanto literária, porém, a leitura literária tem uma tarefa mais ampla na vida social do leitor. Enquanto a leitura não literária geralmente trata de textos informativos e particulares, a literatura tem um papel mais abrangente, pois consegue dar conta da totalidade do real, uma vez que representa o particular, obtém uma significação humana mais extensa. Visto que ao tratar de um determinado acontecimento, não importa o que se escreve sobre o fato, mas a forma como sentimos sobre uma determinada situação, esse processo comportamental faz com que aproximemos de todo ser humano.

Os textos literários são mais abrangentes, exigindo uma leitura diferente daquela que exercida nos textos não literários. Como por exemplo, nos textos não literários abordando um documento histórico, registra um momento marcante, como a guerra de canudos, a Revolução Farroupilha ou às bandeiras, armazenam episódios ocorridos naquele período, suas causas,

consequências e as pessoas que estiveram presentes. Os assuntos tratados nesses dados interessam apenas a nós brasileiros, pois o fato ocorrido é específico do povo do Brasil. Porém, tais acontecimentos não chamariam atenção de pessoas estrangeiras, “mas se em vez de um discurso de história, tivermos um poema, um conto ou um romance, com personagens que vivem a violência, o amor, a dor e a separação, esse poderá ser lido por qualquer homem, de qualquer parte do globo.” (AGUIAR, 2007, p.29)

A narrativa contextualizada nos textos literários, como poemas, contos, romances, apontam uma vasta significação, e poderá ser lido por qualquer indivíduo. A linguagem literária permite o leitor interagir com o mundo através da palavra escrita, uma vez que o elemento predominante é o sentido humano, isso faz com que haja comunicação entre os homens e manifestação cultural de perfil específico de cada indivíduo, pois a linguagem literária não possui uma caracterização única, ou seja, não é expressa direto ao contexto como apontar diretamente aos objetos reais.

A literatura não está comprometida com elementos reais, como em textos jornalísticos ou técnicos, podendo apresentar espaços imaginários ou irreais, criar personagens mágicos e episódios, que podem não ser verdadeiros, como por exemplo, o romance ou história infantil em que não são narrados fatos que necessariamente aconteceram, o leitor se deixa levar pelas regras do jogo literário sem questionar o assunto, delineando o texto como se fosse verdade, deixando-o em dúvidas entre a fantasia e realidade.

Conforme Llosa (1990) a “irrealidade” apresentada na narrativa dos romances torna-se para o leitor, símbolos ou alegorias que podem representar as realidades de experiências de algo que ocorreu na vida. E isso é importante, o caráter “realista” ou “fantástico” de uma história que traça a linha divisória entre verdade e falsidade na ficção. Para Aristóteles (2013), os textos fictícios foram criados a partir da imitação da realidade, mas não no sentido da cópia, mas da criação de novos parâmetros para observação do real. A poesia trágica, epopéia, comédia, a poesia ditirâmbica (Hinos de louvor ao Deus Baco ou Dioniso) todos se enquadram nas artes de imitação (Mimese). A tragédia é a imitação das ações da vida do homem da felicidade para a infelicidade, pois sem ação não há tragédia. Também é a representação de uma ação do homem superior numa linguagem adornada (ritmo, harmonia e canto) com atores atuando e não narrando, despertando piedade e temor e que tem como resultado a catarse dessas emoções. Nas epopéias são apresentadas nas narrativas de um fato

grandioso centrado na figura de um herói ou de um povo. A comédia é a imitação de pessoas inferiores cujo propósito é divertir pelo tratamento cômico das situações e dos costumes.

De certo modo, para o leitor, os textos poéticos representam uma fuga da realidade por alguns momentos, uma forma de sair do mundo real para o ficcional. O leitor se permite viver naquele mundo fictício, mesmo que seja momentâneo, aceita a possibilidade de sonhar, assumir uma nova identidade no momento da realização da leitura, e se autorrealiza. Colocando-se no lugar do outro, como uma figura da história vivendo aquilo que a vida real não o proporcionou. Essa transferência ocorrida é chamada metamorfose conforme Mario Llosa (1990) afirma:

El traslado es una metamorfosis: el reducto asfixiante que es nuestra vida real se abre y salimos a ser otros, a vivir vicariamente experiencias que la ficción vuelve nuestras. Sueño lúcido, fantasía encarnada, la ficción nos completa, a nosotros, seres mutilados a quienes ha sido impuesta la atroz dicotomía de tener una sola vida y los deseos y fantasías de desear mil. Ese espacio entre nuestra vida real y los deseos y las fantasías que le exigen ser más rica y diversa es el que ocupan las ficciones. (MARIO LLOSA, 1990, p.7)

Ao ler textos literários, os leitores se colocam no lugar do autor ou dos personagens e se teletransporta para aquele mundo, mesmo que ilusório e momentâneo; é uma forma de se libertar dos transtornos da vida real que se encontra naquele instante. Nesse momento o leitor se põe no lugar das personagens, é capaz de julgar suas ações, repudiar, aprovar, identificar ou desaprovar seus comportamentos sobre as questões morais e espirituais. Ler romances ou poemas é mais que conhecimentos objetivos, significa deslocar numa perspectiva com um olhar mais refinado.

A poesia é importante para desenvolver senso crítico veiculado pela atividade criadora da palavra. Ler poemas é mais do que obter conhecimentos objetivos, significa depreender e entender a sensibilidade e a intenção do autor.

Segundo Antônio Candido (1999) a poesia revela o temperamento dos poetas, alguns imitam as ações nobres, outros ações vis, são vulgares, fazem imitações desprezíveis, ou seja, cada um assume uma forma diferente. Porém, existem poesias que apresentam todas essas características citadas como o canto, metro, ditirâmbica, a tragédia e a comédia. Através das narrativas, o leitor consegue assimilar aos problemas encontrados na sociedade, pois a literatura contribui com o saber, sendo um importante instrumento de comunicação, através dos textos literários permite o aluno/leitor conhecer novas culturas de uma comunidade,

compreender as mudanças do comportamento do homem que ocorreram ao longo dos séculos, contribui na formação intelectual, constitui novas visões, aceita o homem se descobrir, tentar compreender o mundo a sua volta e a si mesmo.

Para esse processo educacional, o aluno conta com dois grupos vitais para o seu percurso formativo: a família e a escola. A família deve incentivar a criança a ler desde a infância e manter o educando matriculado na escola e cuidar para que ele não abandone os estudos.

Conforme Franchetti (2009), a leitura literária na escola é responsável por formar alunos capazes de desenvolver um pensamento e um olhar crítico sobre a sociedade, tendo uma visão ampla dos seus direitos e deveres preparados para interferir naquilo que o julgar necessário. O processo de leitura promove um deslocamento a tudo que move no texto, é o que faz da literatura uma arte e não uma ciência. A literatura deve fazer parte da grade curricular na escola, como as outras disciplinas. Para que isso aconteça, é preciso que ela seja um diferencial, enquanto forma de conhecimento, ou elemento formativo do cidadão. Outro ponto relevante é a ligação da literatura com o passado, que nos coloca como seus herdeiros.

A literatura é, pois, uma forma de ligação com o passado, uma forma de revivificá-lo. De aprender com ele, sim, mas mais que isso: uma forma de nos apropriarmos dele, de nos colocarmos como seus herdeiros. A literatura fala pelo passado e faz o passado falar pelo presente. (FRANCHETTI, 2009, p.7)

Portanto, ensinar literatura é criar condições para que o aluno em formação possa tornar-se um herdeiro do seu manancial. Sendo assim, o professor deve usar métodos que aguçem curiosidades dos estudantes em relação aos textos literários, incentivando-os a ler e desenvolver suas ideias sobre a leitura literária, lutando por uma formação competente e supletiva que se liberte do autoritarismo imposto às leituras dos livros didáticos e que tenha habilidade de aplicar os conteúdos expressos nos livros didáticos.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio OCEM (2006), no século XIX a literatura era tão valorizada no currículo escolar que chegou a ser tomada como sinal distintivo de cultura da classe social. Ninguém ousava questionar seus conteúdos aplicados no ensino médio. Porém nesse período, poucas pessoas tinham acessos aos conteúdos publicados, apenas as pessoas da elite ou pessoas bem financeiramente tinham acessos às leituras de obras

dos autores consagrados na literatura. A literatura foi apontada como um dos marcos principais da formação burguesa, pois estava sempre a frente das outras matérias.

A literatura era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal distintivo de cultura (logo, de classe social): ter passado por Camões, Eça de Queirós, Alencar, Castro Alves, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Coelho Neto e outros eram demonstração de conhecimento, de cultura. (OCEM, 2006, p.51)

As pessoas que tinham a oportunidade de estudar as obras literárias dos autores mencionados eram incluídas no grupo social da elite, demonstrando que tinham o conhecimento cultural elevado. Os textos literários também eram usados como objetos cultos da escrita e “exagero retórico” que é a arte de falar bem, transmitir ideias com convicção, usada por alguns autores, e apoio para análises sintáticas e morfológicas.

Assim, o grupo de leitor era pequeno, pois a maioria da população não se encaixava no grupo social, já mencionado, não tendo condição de adquirir as obras, pois eram caras. Ou porque não sabiam ler. Conforme Cândido (2000, p.137), em 1980 havia 84% de pessoas analfabetas e no ano de 1920, 75% da população. A partir de 1940 diminuíram pessoas analfabetas com total de 57% da população, na qual houve aumento significativo de público leitor. Contudo, diminuíram também os laços que prendiam o grupo limitado, ou seja, aquelas pessoas que liam por prazer e não por obrigação.

O novo público alastrava-se rapidamente em 1940 e iam sendo conquistados pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicações expressivos, tais como: rádio, cinema, teatro e historinhas em quadrinhos, que chamavam atenção por meio da oralidade, imagem e som. Por meios desses novos meios, o acesso à literatura é facilitado para aquele público que antes era limitado, e que de certa forma, participavam pela maneira mais fácil dessa parcela de sonho e emoção que prestigia o livro literário tradicional. Com a evolução da tecnologia houve uma queda de valores um por um. Através da mídia pode atingir grandes números de pessoas, fazendo assim, a expansão cultural, na qual incluía todos os grupos da sociedade.

A literatura passa ser acessível a todos, sem extinção, de pessoas de alta sociedade ou médio, a partir da década de 50 do século XX, contudo esse desenvolvimento que provocou essas mudanças teve consequências que a derrubou. [...] “o rápido desenvolvimento das técnicas, a determinação do mercado, da mídia e o centramento no indivíduo (em detrimento do coletivo) provocaram a derrubada dos valores, um a um”(OCEM *apud* LIPOVETSKY, 2006, p.52) o que predomina no momento atual, é chamado os “tempos hipermodernos” ou

modernidade, prevalecendo, a cultura do mais rápido. Os valores mencionados pelas OCEM, referem-se a questão da leitura como forma de ascensão e de cultismo.

2. A LEITURA E O LEITOR

A leitura é o ato de ler, interagir com o texto, entender o que está escrito com profundidade, o leitor deve obter entendimento do que está lendo para adquirir conhecimentos e informações, sejam de jornais, revistas ou livros.

Ler é captar o significado da palavra escrita, não é apenas decodificar os símbolos escritos, embora decodificação seja importante, para o leitor não profissional, pois é a partir desse processo que o aluno/leitor tem o primeiro contato com o texto, para que possa ler pela segunda vez e compreender as ideias do autor. Também podemos dizer que a decodificação é aquela leitura superficial/visual, que o leitor faz a priori, é o primeiro passo para a compreensão textual. Ler é ir além da decodificação, é o encadeamento de pensamentos, conforme Lajolo afirma;

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor, pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982 apud GIRALDI, 2006 p.91).

O leitor deve ter afinidade com a escrita para que possa entender o que o texto pretendeu passar. A compreensão é essencial para captar sentido ao texto que não está exposto literalmente como as linguagens figuradas, assim o leitor é capaz de reter informações, fazer comparações a outros textos lidos.

Contudo, uma pesquisa realizada pela autora Aguiar (2007) nos faz refletir sobre a leitura no Brasil no ano de 2007, em que os principais Jornais apontam que 67% dos brasileiros não entendem o que lêem. As faixas etárias incluem pessoas entre 15 a 64 anos que são capazes de ler, escrever e entender o que está escrito e 8% são analfabetos. “Se as pessoas lêem e não entendem o que lêem, então não lêem. O texto escrito é um veículo de informações produzidas por um emissor que devem chegar a um receptor.” (AGUIAR, 2007, p.26).

De acordo com esses dados, podemos dizer que há dificuldades entre a leitura, leitor e texto. Uma vez que a leitura realmente acontece quando o leitor toma posse da matéria lida e

posiciona-se diante do texto lido, se não ter essa comunicação pode-se dizer que não houve leitura.

Conforme Soares (2007, p.27), “A leitura não é comportamento natural do ser humano, como comer ou dormir; ela é cultural e precisa ser adquirida”. É necessário que seja introduzida a leitura da palavra escrita na vida de cada um, para ter conhecimentos mais profundos sobre artes, crenças, lei, moral, costumes e todos os hábitos que, geralmente, o ser humano desenvolve na sociedade na qual faz parte. Para isso acontecer é importante que seja alfabetizado.

A escola desempenha um papel essencial na vida do aluno, ter o primeiro contato com a leitura escrita no ambiente escolar, onde cada um desenhará as primeiras letras irão ler os primeiros textos, ingressando assim, no mundo das letras. Embora, antes da alfabetização o aluno conhece a leitura do mundo, que mesmo sem saber soletrar a criança assimila a vários letreiros que se encontra no ambiente que os cercam, não substitui a leitura escrita.

A leitura escrita é direito de todos, pois tudo que se passa no cotidiano é registrado por meios de sinais gráficos. Assim quem não está alfabetizado enfrenta várias dificuldades no meio social, visto que ignorante dos acontecimentos, não tem condições de opinar, reagir, reivindicar seus direitos lutar pela igualdade social e pela melhor qualidade de vida.

Portanto, cabe a escola desenvolver no aluno a aptidão de aprender, ter domínio da linguagem, que adquiriu por meio da leitura. Por isso tem que visar à formação do estudante, oferecer ambiente de leituras e uma boa biblioteca com bons livros. O professor na sala de aula é responsável pelo processo de aquisição das práticas de leituras, elaborando estratégias que induz o educando a tomar gosto pela leitura. Oferecer condições para que o estudante tenha acessos a leituras impressos como; ambientes de leituras e uma biblioteca com bons livros.

Para ter êxito na formação de leitores, a escola deve contar com professores qualificados na sala de aula, os quais são responsável pelo processo de aquisição das práticas de leituras, elaborando estratégias que induz o estudante a tomar gosto pela leitura.

O educador, enquanto leitor e mediador na escola, tem um papel fundamental, pois ele, (professor) atua nas escolhas das atividades que estão ligados as exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola, podendo direcionar uma ampla medida de apoio às

leituras. Conforme Martins (2004), “o professor/leitor/mediador é aquele que indica leituras guiando-se não só, pela idade e capacidade intelectual do aluno, mas, sobretudo pela sua própria sensibilidade de leitor”. (MARTINS, 2004, p.79), Por isso, o professor mediador deve levar textos na sala de aula que já os tenha lido, para realizar seu trabalho e captar a instauração do sentido do texto.

2.1 A leitura no livro didático: ensino e aprendizagem na escola

O livro didático ao longo dos tempos vem fazendo parte da educação brasileira é um instrumento de apoio ao professor na sala de aula e essencial no auxílio e aprendizagem do aluno, no decorrer do ano letivo, amparado pelo Ministério da Educação, PCN e pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) que seriam conteúdos de cada fase do aluno, ensino fundamental e médio e são responsáveis pelas avaliações e distribuições em cada escola.

Os livros didáticos são escritos pelos detentores de direitos autorais seguindo normas estabelecidas em edital e avaliados por especialistas das diferentes áreas do conhecimento se aprovados passam a fazer parte da guia do livro didático, que orienta o corpo diretivo da escola na escolha das coleções para cada etapa de ensino.

Para se obter bons resultados na vida educacional, o aluno conta com a família e o estado, conforme mostra a LDB 9.394/96 que preconiza que a educação é direito de todos. É dever dos pais manter seus filhos matriculados na escola pública ou particular e acompanhar o processo de aprendizagem. Compete ao município e estado garantir vagas suficientes aos estudantes, nas escolas públicas, desde o ensino fundamental e médio.

Ao terminar o ensino médio, o estudante deve estar preparado para continuar os estudos no nível superior. Conforme Brandão (2007, p.94) a partir da lei sancionada 9.394/96 na seção IV, artigo. 35. Inciso “III- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” Assim, cabe a escola a desenvolver no estudante, a formação ética, ou desenvolvimento humano e intelectual, mesmo que o aluno não prossiga com os estudos nas universidades ou ingresse no mercado de trabalho. E a literatura se encaixa nos padrões estabelecidos aos cumprimentos, da lei Inciso III, pois trabalha a intelectualidade e humanização.

Conforme mostra OCEM (1995) a humanização é um processo que confirma no homem traços que consideramos essenciais na vida como o exercício da reflexão, aquisição do saber, boa disposição com outras pessoas, afinamento das emoções, o senso da beleza, o cultivo do bom humor. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (OCEM, *apud* Cândido, 1995, p.249)

Desse modo, ao ensinar a literatura deve-se levar em considerações essas características citadas por Cândido, para não sobrecarregar os estudantes com textos de épocas, estilos. Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) alertarem, sobre esses procedimentos, ainda hoje está presente tais textos. No qual os textos literários são usados para outros fins. Conforme o PCN (2000)

O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento de sistematização a verbalização da mesma e o domínio de diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou, seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocadas para um segundo plano. O estudo da gramática passa ser uma estratégia para a compreensão/ interpretação/produção de textos e a literatura integra-se a área da leitura. (PCN, 2000, p.18).

O ensino da literatura ficou para o segundo plano, quando deveria ser priorizada como foi no século XIX, em que o estudante era formado para a literatura. Na atualidade o aluno é preparado para entender textos, orais, escritos, educados para ler, e não para literatura. Dessa forma nem sempre a literatura se apresenta para o aluno de forma eficaz. Pois geralmente a literatura é usada pelas instituições como pretextos para o ensino gramatical, como grifar verbos, substantivos, adjetivos. Por isso, ainda vemos na sala de aula estudantes desanimados com a leitura, ao apresentar um texto mais extenso do que é apresentado no livro didático o aluno mostra-se frustrado, desmotivado para fazer a leitura.

Essa desmotivação é ocasionada pelo fato do livro didático oferecer obras literárias fragmentados, levando o aluno a acostumar com textos menores, e muitas das vezes é o único livro que o estudante tem acesso, na qual os textos desses livros apresentam o mesmo estilo, que é priorizar a gramática e não a leitura literária. Conforme Martins (1996) afirma que os textos dos autores consagrados, são fragmentados ou adaptados, reduzidos a letras e muitas das vezes são dos mesmos autores para diferentes coleções. Além disso, muitas das vezes

alguns professores colocam barreiras para crise de leitura apontando que o aluno não gosta de ler ou não está interessado.

Esse procedimento apresentado nos livros desrespeita o aluno/leitor, pois julga que os alunos não são capazes de captar as tensões instauradas pelos textos literários. Portanto não é competência apenas do professor, mas do conjunto das políticas pedagógicas. Conforme Martins relata:

O professor, no entanto, não é vilão da história. Apenas reflete uma escola cuja concepção de construção do conhecimento considera que, para aprender a ler e escrever, basta copiar e decorar regras gramaticais; para aprender matemática, decorar tabuada, histórias datas etc. E que, para “criar o hábito de leitura”, seria suficiente ler livrinhos fáceis, adequados a faixa etária e provar que leu através dos mecanismos já citados [...]. (MARTINS, 1996, p.79)

É necessário um olhar em conjunto e criterioso de todos os membros da escola que visem o saber dos alunos. De certa forma o educador pode compartilhar da elaboração pedagógica da instauração do método de ensino. Conforme Brandão (2007, p.54) expõe a partir do inciso I, do art.13 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que uma das funções fundamentais a ser exercida pelos professores nas escolas é sua participação na elaboração das propostas pedagógicas de forma efetiva para obter-se êxito no processo de ensino e aprendizagem. Isso faz com que o professor fique mais próximo das decisões estabelecidas pela política pedagógica da escola.

No que tange na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) os docentes ficarão encarregados de “elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino”. Desse modo os trabalhos a serem efetuados pelos docentes devem seguir regras conforme as propostas estabelecidas.

Uma vez que o suporte de ensino na sala de aula é o livro didático e o processo de seleção deve ser planejado, os conteúdos e comportamentos que ele trabalha. Dessa forma é possível descobrir a melhor maneira de formar diálogos entre o que diz o livro e o que pensam os alunos. “Pois é só na interação entre o saber que se traz do mundo e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança.” (LAJOLO, 1996, p.6)

Portanto é importante que haja essa interação entre o professor, livro e aluno para que o estudante desperte o interesse a leitura, deve ser apresentada aos educandos textos que induz

prazer, imaginação, questionamentos. Desse modo, quando os professores não participam das escolhas dos livros didáticos e de tais propostas, muitas das vezes encontram-se dificuldades para propor seu ensino diferenciado na sala, pois ao aplicar métodos diferentes daquele que a instituição escolar determina causa divergência entre ambos, e o educador vê-se obrigado a seguir as regras designadas pela escola, causando comodismo em determinados professores. Mesmo que a escola adote um determinado livro precisa ser seguida a organização, mas, não significa que deve ficar limitado apenas no livro didático.

É preciso que o educador no processo de ensino literário estimule a leitura reflexiva, sobre os gêneros literários, linguagem literária e outras linguagens, e, considere as diferenças de opiniões de seus alunos. Ao intermediar a leitura, e, se atentar para o desenvolvimento mental de cada estudante é fundamental na aprendizagem, pois, observa-se que o aluno absorveu o assunto abordado. O papel do professor não é o de ser apenas leitor, mas mediador no contexto das práticas escolares de leitura. O educador enquanto mediador atua na escolha de textos narrativos, poesias, textos para teatro entre outros, cujas preferências não são apenas escolhas pessoais, mas conforme o projeto pedagógico de cada escola.

Conforme Lajolo (1996) “talvez os professores sejam peças secundárias na escola de hoje e, conseqüentemente, sua voz se faça ouvir com timidez no que diz respeito ao destino do texto literário em classe.” (LAJOLO, 1996 p.14) Não parece ser de sua competência criar métodos de ensino literários, mas de editoras, livros didáticos e paradidáticos que se asseguram como quase monopolizadores do mercado escolar. Em razão disso, tiraram as tarefas dos professores em planejar suas aulas levando ao comodismo. E o que lhe resta, apenas séries de instruções escritas a serem seguidos, de uma autoria distante daquilo que não foi convidado a participar, tais como;

leitura jogralizada, testes de múltipla escolha, reescritura de textos, resumos comentados são alguns dos números mais atuais do espetáculo que, ao longo do território nacional, mestres, menos ou mais treinados, estrelam para platéias às vezes desatentas, às vezes rebeldes, quase sempre desinteressadas, sobrando a seção de queixas e reclamações para congressos, seminários, cursos de atualização e congêneres, ou então pesquisas como a que aqui está sendo comentada. (LAJOLO, 1996, p.15)

Assim, urge refletir sobre as dificuldades que professores vem sofrendo há muito tempo. No final do século XIX a literatura ganha espaço no livro didático com as poesias do

poeta Olavo Bilac, para estimular o respeito pela pátria, amor aos estudos e respeito aos mais velhos. Em 1904 é exposta na obra de Olavo Bilac, *Poesias infantis* sua insatisfação a forma que a escola costumava ensinar a poesia cujos textos inclusive de Olavo Bilac não eram usados para ensinar literatura mais para outros fins.

Nesse período alguns autores fazem críticas pela forma que a literatura é ensinada nas escolas. As discordâncias são antigas mais que refletem até nos dias de hoje a insatisfação de ensinar os textos literários. O que fazer com texto literário na sala de aula, na qual é muito importante “O que fazer *com* ou *do* texto literário em sala de aula funda-se, ou deveria fundar-se, em uma concepção de literatura muitas das vezes deixada de lado em discussões pedagógicas.” (LAJOLO, 1993, p.12)

3. A POESIA NO LIVRO DIDÁTICO

A literatura nem sempre teve esse nome, na antiga Grécia chamava-se Poesia, era usada para divertir os nobres nos intervalos de cada guerra. Depois de alguns séculos teve o nome permanente como literatura. Segundo Zilberman (2008) dois poemas épicos declamados por narradores de feitos bélicos permaneceram no tempo sendo, “A Ilíada” e “Odisseia” que para os gregos representavam o mesmo que a bíblia significava para os Hebreus, servia para conhecer as origens do povo helênico, as diferenças de deuses e homens, o modelo político, enfim as normas comportamentais importantes na sociedade.

Desde os primórdios a poesia desempenha um papel educativo herdado pelos gregos nos mitos, um de seus pontos de vista, que mantêm com o passar dos tempos é a certeza de que o texto poético, na vida do leitor, favorece na sua formação e aprimora no seu intelectual e ético.

O primeiro contato obtido com a poesia foi pela aristocracia, em seguida, a todos os membros da sociedade, na qual a poesia era mantida pelo estado para fornecer padrões que o julgava necessário. Anos depois a literatura deixa de ser do estado e passa a ser responsabilidade da administração escolar, assim, ao ser inserido no currículo da escola a poesia não podia perder seu efeito educativo, porém sua identidade original não passou a fazer parte da escola, primeiro os textos poéticos foram utilizadas para o estudo da Gramática, a Lógica e a retórica. Também foi usada no período do Renascimento (período da história da Europa) na revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, na qual privilegiou o ensino da cultura clássica, serviu de modelo para o ensino das línguas gregas e latina.

No século XVII a poesia foi veiculada pelos processos pedagógicos para os alunos estudar a língua e com pretexto para tornar mais fácil o conhecimento das normas clássicas de criação artística. Somente no ano de 1789, os franceses introduziram na escola a literatura nacional, tornando-se objeto da história literária. Ao ser integrado na escola a literatura deixa de ter apenas a finalidade intelectual e ética adquirindo cunho linguístico, com intuito de ajudar a conhecer a norma linguística nacional/ ou história nacional.

A literatura mesmo sendo consagrada como a língua da alta sociedade e médio, independente de lugar ou região, acompanhado de língua e cultura foi apontada como uma das responsáveis do fracasso do ensino. As falácias da crise do estudo literário são apontadas algumas situações, para justificar a acusação generalizada. Segundo Zilberman (2008) diz que:

Numa acepção ampla, significa falta de leitura: recriminam-se os alunos por não gostarem de ler, preferirem outras formas de expressão ou satisfazer-se com seu estágio de ignorância. De outra parte, denuncia-se a falta de eficiência do professor de literatura: os alunos não aprendem o conteúdo das disciplinas de que a literatura faz parte, pois, ao final do processo de escolarização, desconhecem a gramática, não escrevem corretamente, ignoram a tradição literária, são incapazes de entender as formulações mais simples de um texto escrito, mesmo o meramente informativo. O ensino da literatura seria um dos responsáveis por esse fracasso, o que sugere a falência do pressuposto [...] a literatura deixou de ser educativa. (Zilberman, 2008, p.21)

Assim, com o passar do tempo, a literatura perdeu a eficácia almejada pela burguesia, que contava com a escola como seu veículo de propagação. Desde então, surgiram várias críticas em relação ao ensino da literatura no livro didático inclusive dos textos poéticos, poetas e autores dos livros didáticos. Desde 1904, alguns autores se mostram insatisfeitos inclusive o poeta Olavio Bilac chega a citar em uma de suas obras a precariedade dos textos escritos ao público infantil, este é um trecho retirado de seu livro conforme mostra Lajolo;

(...) Em certos livros de leitura que todos conhecemos os autores, querendo evitar o apuro do estilo, fazem períodos sem sintaxe e versos sem metificação. Uma poesia infantil conheço eu, longa, que não tem um só verso certo! (BILAC *apud* Lajolo, 1993, p.41).

No trecho exposto mostra a indignação do autor pelo modo que a poesia chegava até os leitores, visto que, precisava um pouco mais de dedicação/assiduidade por parte de

escritores das poesias. Década seguinte, um editor de uma obra importante na literatura *Alma gêmea* de Francisca Júlia e Júlio da Silva e o crítico Alceu amoroso fazem apontamentos idênticos ao poeta Olavo Bilac também constatando a baixa qualidade de versos na poesia para o público infantil. Anos depois a literatura infantil sofre consideráveis alterações para atender o público alvo, contudo não parecem ter sido suficientes para atenuar a visão pejorativa dos críticos entre literatura e escola, apontando que os textos poéticos apresentavam um repertório pobre, e mesmo assim estava disponível para a seleção de textos nos livros escolares.

Dessa maneira os textos poéticos nos manuais didáticos contribuíram para um perfil específico, a tão discutida crise de leitura na sala de aula. Segundo Lajolo (1993) uma parte da responsabilidade da deficiência da leitura e de cunho quantitativo e qualitativo, que aponta péssimos indicadores da leitura uma vez que, os números de livros circulantes entre os alunos são baixos, e o modo que a escola impõe a leitura parece não ser adequado.

No ano de 1996, foi instituída pelo ministério da educação uma avaliação oficial a todos os livros didáticos inscritos no Programa Nacional do Livro Didático, na qual os conteúdos obtidos nos livros fossem avaliados criteriosamente pelos professores e programas das instituições escolares públicas, depois distribuídas gratuitamente pelo Ministério de Educação nas escolas, sendo, obrigatório apresentar variedades de gêneros textuais, discursivos, e literatura e por consequência a poesia.

Portanto a poesia não perdeu sua eficácia, sua ação formadora contribui com o senso crítico dos alunos/leitores no decorrer do percurso de aprendizagens, adquirindo novos conhecimentos. Embora haja a poesia no livro didático, não significa que bons leitores formasse -ão, isso dependerá primeiramente de um trabalho qualitativo, que envolve a análise criteriosa de textos oferecidos aos alunos e depois quantitativos. Os livros didáticos passam pelos processos de avaliações e distribuídos nas escolas pelo Ministério de Educação (MEC), tais livros são na maioria das vezes de qualidade questionável, sendo a única fonte de contato entre alunos e poesia.

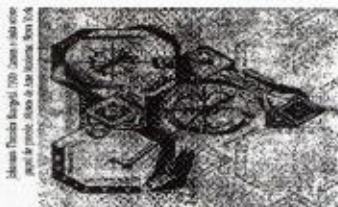
3.1 A análise dos textos poéticos nos livros didáticos

Neste capítulo selecionamos recortes de textos poéticos proveniente dos livros didáticos *Novas Palavras* (2013) da autora Emília Amaral e *Ser Protagonista* (2013) do autor Ricardo Barretos, abordaremos nos livros as atividades compostas para o ensino e

aprendizagem de alunos e professores em sala de aula. O primeiro recorte de texto é Ode triunfal do autor Álvaro de Campos do livro didático *Novas Palavras*.

Leitura

Leia um fragmento do poema "Ode triunfal", de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta modernista português Fernando Pessoa.



O rei vermelho (1920), de Johannes Theodor Baargeld.

Ó rodas, ó engrenagens, e-e-e-e-e-eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
[...]

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 206.

Releitura

(Respostas)
na página 24

1. Identifique a apóstrofe presente no primeiro verso do poema, mostrando, por meio dela, a quem o sujeito poético se dirige.
2. Qual a função da onomatopéia, também presente no verso inicial do texto? Identifique-a e explique.
3. Que comparação da segunda estrofe demonstra a volúpia do homem moderno em relação à máquina? Por quê?
4. Identifique os versos da segunda estrofe nos quais se percebe a "erotização" da máquina, o reconhecimento do poder fálico da potência dos motores.
5. Destaque o substantivo presente no último verso do fragmento que permite a associação – tipicamente futurista – entre o mundo da máquina e a natureza, como se esse mundo tivesse se transformado numa segunda natureza para o ser humano.

Apóstrofe – exclamação que interrompe o fluxo poético ou narrativo, dirigida a uma pessoa ou coisa, real ou fictícia, situada fora do contexto.

Onomatopéia – recurso de expressão por meio do qual se procura reproduzir determinado som ou ruído.

No tópico leitura, os autores do livro de imediato destacam do poema Ode triunfal apenas um fragmento, ou seja, o aluno /leitor terá acesso às partes escolhidas pelos autores, não participando ativa e efetivamente do processo de construção de sentidos. Conforme nos afirma Chiappini (2005), os alunos precisam interagir com o texto para construírem sentidos na leitura e através da interação estabelecer uma comunicação efetiva. Porém, muitas das vezes, os livros didáticos apresentam conteúdos prontos congelando as ideias instituídas, apaziguando por meios de respostas dosadas, o que não estimula o leitor a pensamentos e questionamentos. Os livros didáticos são escritos para facilitar o trabalho de estudantes e professores, são também, instrumentos que conduzem análises e críticas. Um dos pontos vitais é organizar livros didáticos que não tragam o saber resumido, congelado a partir de um ponto de vista unitária, incorporando variedades de informações de forma que, a cada página lida, os alunos/leitores tornam a questionar; livros que incentivam alunos e professores às aventuras da pesquisa. Produzir um material didático variado com a participação de pessoas

diretamente interessados em manuseá-lo, como o concurso de alunos e professores de diferentes escolas da mesma área.

Outro aspecto relevante em relação o fragmento selecionado no livro didático, *Novas Palavras* (2013) é a ausência de sentidos que impossibilita o aluno/ leitor ter a visão total do texto, portanto, os sentidos também estão fragmentados. A falta das partes dos poemas dificulta a compreensão do aluno/leitor, ou seja, os alunos não terá contato com todos os elementos que compõem os textos impossibilitando o entendimento. Segundo Soares (2011), o uso recorrente do fragmento no livro didático, muitas das vezes, não se tomam cuidados necessários, para que os textos fragmentados apresentem elementos estruturais que compõe a textualidade. As características dos textos obtidos nos livros didáticos devem apresentar: “A exposição”, que mostrará o primeiro momento dos acontecimentos narrados, exibindo a situação inicial como, tempo, lugar, personagens, espaço em seguida prosseguir trazendo desequilíbrio que perturba a situação inicial que chamamos de “complicação”, que por consequência evolui para um “clímax” na qual o desequilíbrio chega ao seu ponto máximo. Que ao final percorre para o reestabelecimento do equilíbrio pela resolução da complicação do texto. Se isso não ocorrer o texto fica comprometido dificultando o entendimento de seus leitores.

Desse modo, é difícil retirar de um texto fragmentado uma narrativa que conserve todos os ciclos da narração. Uma vez que, o livro didático muitas das vezes apresentam textos com apenas o ciclo inicial, a “exposição”, em que a narrativa é interrompida e, portanto não se realiza a apresentação do texto, deixando o aluno/leitor sem o conhecimento do início da narrativa, proporcionando á história em andamento, ou apenas duas estrofes do poema o que dificulta o sentido do texto, outro aspecto recorrente também nos textos fragmentados é a finalização da narrativa, cujo leitor não obtém conhecimento do final do texto.

Como é o caso do poema Ode Triunfal no livro didático *Novas Palavras* o qual é apresentado ao leitor, a partir da segunda estrofe, já se ocultado o início, meio, fim, cujas leituras são feitas em apenas duas estrofes. As atividades compostas baseadas nos fragmentos do poema apresentam cinco questionários: A primeira pergunta solicita ao aluno/leitor identificar a apóstrofe, ou seja, questão que refere-se a questões gramaticais. A segunda questão solicita o aluno/leitor que identifique e explique a função da “Onomatopeia” no primeiro verso do texto, visto que, ao lado a um quadrinho explicando o significado da Onomatopeia “recurso de expressão por meio do qual se procura reproduzir determinado som

ou ruído”, assim o aluno terá facilidade em identificar no texto a figura de linguagem, contudo o aluno não aprofundará no sentido (ou sentidos) do poema, e a pergunta se torna redutora, pois, não leva o aluno a uma análise crítica do texto, reproduzindo apenas o que já foi dito. A quarta estrofe mostra a erotização da máquina apresentado no texto, ou seja, não permite o aluno ter outra interpretação. A quinta pergunta também não leva o aluno a reflexão e a criticidade, apenas faz com que o aluno destaque o substantivo presente no texto, o que não induz o aluno à leitura poética, mas a resolver as questões de cunho gramatical.

Na produção abaixo há também uma situação em que os exercícios do poema são usados para estimular o ensino da gramática normativa e não a literalidade do fragmento. Vejam as perguntas propostas no poema *Ode*:

Leitura



Ode

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera, ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

REIS, Ricardo. Para ser grande. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 289.

O Modernismo em Portugal e a poesia de Fernando Pessoa • 81

O texto intitulado *Ode* apresenta três questionários; No primeiro exercício pede para o aluno leitor identifique o modo verbal que predomina no fragmento e qual efeito de sentido o modo verbal pode ser depreendido ao ler o fragmento do texto fragmentado. Na terceira pergunta há uma mistura de conceitos entre a linguagem literária e gramática. Dessa forma, ao observar o fragmento, nota-se que consiste em uma leitura rápida, com questionários curtos, tendendo para ensino da gramática normativa; assim as atividades propostas não induz o aluno a ter gosto pelos textos literários, mas para o conhecimento gramatical. Conforme afirma Lajolo (1986) o texto não deve ser pretexto para outros fins, a não ser para si mesmo.

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto só existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e

leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura. (LAJOLO, 1986, p.52)

É comum serem propostos nos livros didáticos, exercícios chamados “compreensão” ou “intelecção” que consiste em coletar dados do texto, cujos exercícios de compreensão passam a fazer parte, inclusive, de provas de exames vestibulares. Os textos inseridos nos livros não costumam servir somente para exercícios de interpretação, aumento de vocabulário e fixação de norma culta, também se valem-se como motivadores de produção textual. Outra questão presente nos livros didáticos é a abordagem da história literária, garantida pelas diretrizes na prática pedagógica escolar diária, trabalhando além de aspectos teóricos, figuras de linguagem e questões de estilo.

Outro aspecto relevante sobre os textos apresentados, no livro didático já citado *Novas Palavras*, que veicula fragmentos de obras importantes, o que acomete a qualidade da leitura, tomando-os às vezes pedantes e monótonos, pelo enfoque princípio que se dá a exercício as de gramática normativa. Geralmente os textos apresentam-se como único segmento de leitura, textos e exercícios. Os exercícios propostos são para compreensão, explicação, identificação, metalinguagem (gramática) .

Um dos requisitos importantes ao fazer a escolha dos livros didáticos é observar se os textos são atraentes, capazes de despertar o interesse do público alvo, alunos/leitores. Textos que apresentem elementos que tenham sentido, numa determinada narrativa que motive o alunado a despertar prazer à leitura e senso crítico. Entretanto não é um bom livro que garante o crescimento intelectual do estudante, sendo indispensável a intermediação do professor, pois cabe a ele fornecer conteúdos bons para prender a atenção do educando, mostrar a estética do texto para que os temas abordados na sala de aula não fiquem repetitivos e acabando por desmotivar o estudante.

No segundo livro *Ser protagonista* os conteúdos escolhidos para serem estudados e trabalhados na sala de aula, são idênticos, ao livro didático *Novas Palavras* onde são apresentados variedades de textos fragmentados, acompanhados por exercícios que muitas das vezes não focaliza na literalidade do texto poético. Selecionamos três poemas, para verificar como o autor Ricardo Barretos trabalha os textos direcionados aos alunos do ensino médio. Vejam o primeiro poema:

O Assinalado

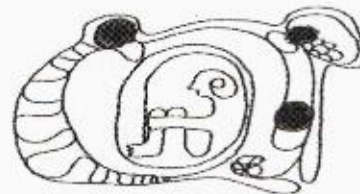
Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoa o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Cruz e Souza, João da. In: Jussier, L. (Org.). *Roteto da poesia brasileira: Simbolismo*. São Paulo: Global, 2006. p. 31.



Sobre o texto

1. O soneto tem o objetivo de caracterizar "O Assinalado", posto como interlocutor do eu lírico.
 - a) A identificação do "Assinalado" como "louco", proposta nos dois primeiros versos, é necessariamente negativa? Justifique.
 - b) A quem se refere o pronome "tu", usado para identificar o interlocutor?
2. Cruz e Souza vale-se de importantes procedimentos estilísticos para desenvolver a temática do poema.
 - a) Explique por que a rima "suprema / algema" aproxima palavras de valores semânticos opostos no contexto do poema.
 - b) Explique as duas metonímias presentes em "A Terra é sempre a tua negra algema".
3. A segunda estrofe traz uma releitura do discurso anterior. Que ponderações o eu lírico faz em relação ao que foi dito na primeira estrofe?
4. O poema apresenta uma visão pessoal da atividade poética. Por que se pode afirmar que ele retoma o conceito decadentista-simbolista do "poeta maldito"?

Nota-se que o autor do livro Ricardo Barretos trabalha com um dos poemas de Cruz e Souza, um poema auto reflexivo, uma vez que o eu lírico fala de si mesmo como um ser diferente, que carrega uma sina, atizando a curiosidade do aluno/leitor. Já os exercícios compostos sobre o texto poético apenas reproduzem o que já foi dito tendenciando para a classificação de elementos gramaticais. Outro ponto importante é ler o poema completo para entendê-lo. Na primeira pergunta dos exercícios, o autor pede para o aluno/leitor identifique o eu lírico como um louco nos dois primeiros versos, visto que para entender o texto o aluno/leitor precisa ler todo o texto, em apenas dois versos é impossível o aluno ter noção do que se trata o texto, precisa ler o conteúdo completo. Ainda na primeira pergunta especificamente na letra B, o aluno não terá dificuldade em saber a quem se refere o pronome "Tu" cujo eu poético fala de si mesmo e ao ser identificado.

Ao detectar problemas referentes às atividades propostas nas leituras dos poemas, o professor deve propor diversos textos, apresentadas nos livros para que o aluno tenha contato com as leituras literárias. Em seguida promover interações dentro da sala de aula entre aluno-texto. Assim o estudante conheceria possibilidades de conhecer várias formas de se interpretar, representar, ou captar o mundo através da palavra; esse processo mediado pelo professor possibilita ao aluno fazer leituras da prosa, da poesia, da ficção e não ficção adquirindo vários conhecimentos.

No texto intitulado *No Lar* é exibida a primeira parte do poema direcionada aos alunos/leitores também trabalham com elementos semelhantes ao anterior. Veja abaixo

Sua leitura

A evasão para a infância é um dos temas caros ao Romantismo. Leia, a seguir, a primeira parte do poema "No lar".

No lar

Terra da minha pátria, abre-me o seio
Na morte — ao menos —
Garrett

I

Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira à tarde. —
No mar — de noite — solitário e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.
Era pátria e família e vida e tudo,
Glória, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Por que chorara nessa longa ausência.
Eis-me na pátria, no país das flores,
— O filho pródigo a seus lares volta,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve! —
Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.
Os mesmos campos que eu deixei criança,
Árvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado! —
Poi aqui, foi ali, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na várzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Azua, Casimiro de. Poesia. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974. p. 30-32.



Acho agora mais seca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sariçu a laçol...
Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada esqueci... e esquecer quem há-de?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Fala-me ainda dessa doce idade!
Eu me removo recordando a infância,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outoral!
E a casa?... as salas, estes móveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratório... a sala grande
Onde eu tentava penetrar no escuro!...
E ali... naquele canto... o berço amado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me histórias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!
Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mana! — anjinho que eu amei com ânsia —
Vinde ver-me, em soluços — de joelhos —
Beijando em choros este pó da infância!

Sobre o texto

1. Como deve ser entendida a metáfora que encerra a primeira estrofe?
2. Nas quatro primeiras estrofes, o eu lírico ocupa duas posições espaciais diferentes. Identifique-as e caracterize o estado psicológico do sujeito em cada uma delas.
3. Diante da paisagem de sua pátria, o eu lírico nota algumas diferenças.
 - a) Transcreva dois versos em que isso se evidencia.
 - b) Explique o que as mudanças insinuam.
4. Quando Casimiro de Abreu publicou *Primaveras*, o poema "Canção do exílio", que você leu na página 36, já era conhecido. Releia o poema de Gonçalves Dias e compare-o com "No lar":
 - a) Os dois poemas referem-se ao mesmo tipo de paisagem? Justifique.
 - b) O que diferencia o tipo de recordação dos dois exilados?

No texto acima *O lar* do autor Abreu (1974) poeta romântico brasileiro cultivava um lirismo de expressão simples e ingênua seus temas dominantes eram amor e a saudade. O autor Ricardo Barretos selecionou a primeira parte do poema, direcionados aos alunos/leitores trabalhando com elementos semelhantes ao anterior expondo nos questionários os seguintes elementos; "identificar", "transcrever" algo no poema. Na questão três, por exemplo, na letra A, há apenas a possibilidade de transcrição, que não permite aos alunos a construções de sentidos. Conforme Lajolo (1986) todas as atividades compostas no livro didático precisam ter sentidos, para que o leitor possa captar a instauração do significado do texto a fim de conhecer do que se trata uma narrativa e o significado proteja seu sentido elevado.

No texto "Juca Pirama" de Gonçalves Dias, são formados por 10 partes, o autor Ricardo Barretos usa somente a VIII parte da obra. Dessa forma ao ler o fragmento o aluno

terá dificuldade em entender o texto, uma vez que sem as outras partes do poema o leitor pode manifestar o contrário do personagem, pai de Juca, pois não entenderá a dimensão cultural expressa no poema. Além de confundir o leitor do fragmento do poema o autor do livro didático leva o aluno a transcrever os versos do poema como é o caso do exercício um. A segunda questão há provável, confusão nas ideias, uma vez que, o aluno/leitor não obteve contato com o texto completo, o que dificulta sua visão e não contribui para a construção de conhecimentos. Veja abaixo:

Sua leitura

Texto 1

Neste fragmento de "I-Juca Pirama", poema dramático formado por 10 partes, um pai reprimido o filho por chorar e glamor pela liberdade diante da morte. Tratava-se de um ato indigno segundo a cultura indígena, mas o rapaz fez isso porque não queria morrer enquanto estivesse vivo seu pai, que dependia dele por ser cego e fraco.

I-Juca Pirama - Parte VIII

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não desceste o cobardo do forte?
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de via Alcorés.

Possas tu, isolado na terra,
Sem avô e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz.

Ser das gentes o espectro escurado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, os amigos diversos,
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te amiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descansar gozar.

Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às trovões e aos ventos,
Fadecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte posar.

Dias, Gonçalves. *Poesia*, 6. ed. Rio de Janeiro: Agn. 1977, p. 40-42

Que a tua paixão a relva se torne:
Murchem pradais, a flor desfaleça.
E o regato que limpo corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Onde fujas com asco e terror!

Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punha teus membros malditos
E ocano de pé denegrido
Seja a terra ao ignavo rapil
Miserável, faminto, sedento,
Manitôa lhe não fale nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobardo após si.

Um amigo não trahas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Fundo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tape a tua pé!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vilesa chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobardo, meu filho não és.



Sobre o texto

1. Nesse fragmento, o pai, envergonhado, lança sobre o filho uma terrível maldição.
 - a) Transcreva da primeira estrofe os versos que explicitam a diferença entre pai e filho.
 - b) Explique como deve ser entendido o verso "Na presença de estranhos choraste?".
 - c) O que justifica a vergonha do velho indígena?
2. O pai evoca infortúnios a serem vividos por seu filho. Com suas palavras, explique quais são os castigos mencionados ao longo do poema.
3. O trabalho com o ritmo foi fundamental para que Gonçalves Dias criasse a atmosfera psicológica condizente com a cena.
 - a) Divida os versos em sílabas métricas e informe a posição de suas sílabas tônicas.
 - b) Qual é o efeito produzido pelo ritmo?
4. Com base na leitura desse fragmento de "I-Juca Pirama", explique o comentário do crítico Antônio Candido acerca do indianismo de Gonçalves Dias, transcrito a seguir.

Desse modo, é notável que as leituras dos poemas apresentem fragilidade nos conteúdos propostos. Porém se o professor estimular os alunos a leitura dos textos, e os estudantes conhecer na íntegra os poemas favorecerá tal conhecimentos. É importante que o professor transmita a sensibilidade da poesia ao ler os poemas, seja, capaz de se emocionar com imagens ou escritas com o ritmo da poesia, fazendo assim, os alunos se interessarem pela leitura poética.

Percebe-se que há recorrência de atividades que precisam ser melhoradas para formar bons leitores no livro didático e isso exige a competência de professores na leitura dos textos literários indicando caminhos para aquisição das práticas de leituras, criar condições para que

o estudante desenvolva sua sensibilidade para conhecer o mundo dos textos em suas diversidades e pluralidades. Conforme Martins (1996) “a formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para o aprendizado constante que se poderia fazer com a leitura na escola” (Martins, 1996, p.79).

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa mostra a importância do processo de leitura literária na vida intelectual do aluno/leitor, sendo por meio dela, que o estudante se capacita-se contribuindo com suas próprias ideias na sociedade, adquirindo novos conhecimentos, novas maneiras de ser, e viver na vida social e cultural. Cabe à escola habilitar os indivíduos para o mercado de trabalho e prepara-los para a vida acadêmica. Para ter êxito na formação do aluno, a escola conta com apoio de professores qualificados, capazes de informar, orientar e formar leitores assíduos e críticos. Por sua vez, o professor na sala de aula recebe da instituição escolar, o livro didático, que é um instrumento importante, cuja função primordial é auxiliar o trabalho de professores durante o processo de ensino e aprendizagem.

Há muitos anos os manuais vêm sofrendo críticas, pela maneira com que os conteúdos literários são apresentados nos livros didáticos e o modo que chegam até os alunos/leitores. Já é sabido que os textos poéticos apresentados estudam a gramática, em detrimento de fomentar à leitura e compreensão de textos. O que se têm são textos fragmentados, que comprometem o sentido, com intuito de estudar gramática, atividades que não instigam o estudante à leitura prazerosa, tampouco ao seu entendimento.

Para minimizar o problema do ensino da poesia nos livros didáticos é importante a participação de professores, alunos, escolas, programas governamentais de livros literários e escritores dos livros didáticos, trabalhando em conjunto, para escolher a melhor maneira de trabalhar com os textos poéticos e suas respectivas atividades em sala de aula. Ressaltamos que os livros didáticos devem chegar à sala de aula de forma eficaz, contendo conteúdos literários que atraiam o aluno/leitor a praticarem a leitura poética. Sendo assim, não deve-se conter temas que distorçam, falsifiquem a literatura e em consequência afasta o aluno leitor da leitura escrita. A escola precisa descobrir um modo eficaz de aplicar a leitura literária aos estudantes, passando por avaliações criteriosas pelos programas nacionais do livro didático e Ministério da educação, e se faça valer a lei de diretrizes 9.394/96, que estabelece o

aprimoramento do aluno como pessoa humana, incluindo a formação ética, intelectual e pensamento crítico, essa capacitação desenvolve a partir das leituras literárias.

Após análise das atividades dos textos literários, nos livros didáticos observamos que o ensino de literatura ainda precisa de elementos que prende a atenção do aluno/leitor, pois, geralmente, os poemas apresentam de forma fragmentada e suas atividades não supriram os conteúdos ausentes. Notamos que há possibilidade de ensino pautado nos estudos da literatura, para isso é necessário planejamentos de organizadores de todos os envolvidos que se interessam pela melhoria da educação.

Diante da problemática encontrada nos livros didáticos em relação ao ensino da leitura poética podemos constatar que mesmo sendo criteriosamente avaliados pelos programas nacionais dos livros didáticos não há ofertas de livros didáticos que poderão formar leitores persuasivos. É necessário que trabalhem os exercícios ou atividades que mostram o caminho para os relacionamentos daqueles textos, conhecidos dos alunos, caso contrário, os textos poéticos ficarão distorcidos diante a aprendizagem dos estudantes. Por sua vez é importante que o professor se posicione diante a problemática encontrada e dessa forma não sigam a risca os livros didáticos, mas que ofereçam conteúdos que aproximam os alunos do conhecimento das leituras poéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. Santa Cruz do Sul, 2007.
- AMARAL, Emilia....**Novas Palavras**. 2. ed. São Paulo:FTD,2013.
- ARISTÓTOLES. **Poética**. São Paulo: Nova cultural, 1999.
- BARRETO, Gonçalves Ricardo. **Ser Protagonista**. 1. ed. São Paulo: SM, 2010.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Fonseca da. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**.3.ed.São Paulo: Avercamp, 2007.
- CANDIDO, Antônio. **A personagem do romance**. In: CÂNDIDO, A. et. al. **A personagem de ficção**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva,1947.
- _____. **Literatura e sociedade**. 8.ed.São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CHAPPINI, Ligia. **Reinvenção da Catedral: Língua, literatura, comunicação: Novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FERREIRA, Rosangela. **O lugar da literatura no livro didático**. Tapurah: SBD, 2011.
- FRANCHETTI, Paulo. **Ensinar Literatura para quê?**. Cuiabá: Revista Desenredos, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5 ed.São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Brasília. Em Aberto, 1996.
- LIMA, Elaine Aparecida. **Poesia e Livro didático: Uma relação e Várias Questões**. In: CELLI. Maringá: Anais, 2009.
- LLOSA, Mario Vargas. **La verdade de las Mentiras**. Peru: Seix Barral, 1990.

MARTINS, Maria Helena. **Questões de Linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

OLIVEIRA, Florença Caldas de. **O ensino da literatura na perspectiva dos gêneros Literários: uma proposta de trabalho**. Pernambuco: 2010.

PERRONE, Moises Leyla. **Literatura e Sociedade**. 21.ed. São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLIC, 1996.

PERROUND, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA R. Amanda Daniele, FRITZEN Celdon. **Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira**. Santa Catarina: Contra Pontos, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura**. 2.ed. São Paulo: Revista atualizada, 2009.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e Juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na Escola: As alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.